

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO INSTITUTO CARNEIRO DE MENDONÇA

ROBERTO DA SILVA JÚNIOR

Prefeitura Municipal de Fortaleza. E-mail: robertojrpesquisa@gmail.com

A Educação Correcional na Escola Santo Antônio do Buraco

O contexto brasileiro do final da República Velha é marcado por rupturas e continuidades de ordem política e econômica. No campo político, constata-se o enfraquecimento da política do café-com-leite, que consistia num arranjo político de alternância entre mineiros e paulistas no lugar central da presidência da República. A hegemonia de paulistas e mineiros na política nacional começou a sofrer fortes pressões em 1929. Além da crescente insatisfação das elites dos outros estados que se sentem alijadas do poder, o presidente da República, o paulista Washington Luís, resolveu lançar, em 1929, a candidatura de outro paulista, Júlio Prestes, quando caberia a Minas Gerais indicar seu sucessor. O fato provoca descontentamento entre os mineiros e leva o Partido Republicano Mineiro para a oposição.

Dessa forma, emerge uma nova força política, a Aliança Liberal, para agregar a oligarquia dissidente e segmentos políticos insatisfeitos. Nas eleições de 1930, a Aliança Liberal lançou a candidatura de Getúlio Vargas, governador do Rio Grande do Sul, a presidente do Brasil. No campo econômico, sob os efeitos da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, os Estados Unidos reduziram as importações de café, provocando a queda dos preços internacionais desse produto, e crises em cadeias em outros setores da economia brasileira.

Nesse contexto, que papéis passaram desempenhar as instituições de ensino, especificamente, as voltadas para as pessoas consideradas como os “pobres”, “subversivos”, “perigosos”, “delinquentes”, “vadios”, “desvalidos” no Ceará? De que forma a crise por

que passa a república velha, e com a emergência do Estado Novo, modelou e forjou novas propostas pedagógicas a partir dos anos 1930?

As instituições de ensino desempenharam, nesse momento, um papel primordial na construção de um novo projeto nacional, sob a perspectiva político-econômica do Estado Novo. As práticas de ensino-aprendizagem e as formas de interação social desenvolvidas nas instituições educacionais buscavam superar os traços do atraso de um Brasil agroexportador, rural e com mão-de-obra desqualificada e despreparada para o desenvolvimento de um modelo de capitalismo. O campo educacional passou a ter a missão de contribuir para um novo Brasil, sob a ótica do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). No Ceará, durante esse período, constroem-se instituições com fins de dar uma educação correccional que evitasse qualquer tipo de sujeito que maculasse a imagem de um Brasil que estava se desenvolvendo sob os moldes do sistema capitalista industrial.

A partir dos anos 1930, em decorrência das mudanças econômicas e políticas por que passava o Brasil, várias inovações pedagógicas emergem no campo educacional brasileiro. Emergem ideias novas acerca do ensino, como as dos escolanovistas Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, para citar os mais conhecidos. Nesse período, destacaram-se as reformas educacionais de Francisco Campos e de Gustavo Capanema frente ao Ministério da Educação e Saúde Pública criado pelo presidente Getúlio Vargas.

Naquele momento, viviam-se tempos de governos totalitários no mundo e, no Brasil, Getúlio Vargas exercia seu poder sob a influência dos militares e da Igreja. A partir dos anos 1930 se inicia uma grave crise do modelo agrário exportador e se inicia uma etapa nacional baseada no desenvolvimentismo e na industrialização que proporcionou um crescimento populacional na zona urbana, fruto da decadência de produção no campo. Segundo Romanelli (1985, p.47), essa crise delineou-se:

como uma necessidade de se reajustar o aparelho do Estado às novas necessidades da política e da economia, ou seja, e se substituir urgentemente toda a estrutura do poder político que contribuiu para criar e manter a crise econômica.

Emerge nesse cenário um viés governamental calcado nos projetos de urbanização e industrialização, sendo necessário a urgente formação de recursos humanos para construir as novas formas de sociabilidade e novo modelo econômico que se erigia. [...] aumentando a demanda social por educação.

Nessa perspectiva, exigiu-se modernizar o ensino público por meio de uma maior racionalização das práticas administrativo-pedagógicas e combater a todos os modelos societários que impedissem o projeto “modernizante” da sociedade brasileira. É um período de preocupação e ampliação do ensino público. Por um lado, as famílias urbanas, principalmente, buscavam as instituições de ensino com o desejo de ver seus filhos educados (SAVIANI, 2011).

Em outra mão, os “desvalidos” e “perigosos” para a sociedade eram arrancados das ruas e internados em instituições “corretivas”; também muitas famílias abastadas requeriam a internação de seus filhos “trabalhosos”.

Devido às grandes secas que assolavam o Nordeste brasileiro, aumentava a pobreza no campo, assim como a mendicância na zona urbana, e, em consequência, inúmeros homens, mulheres, crianças e velhos viam-se submetidos às condições de pobreza e miséria. E isso era um fato vergonhoso para as autoridades da época os quais tomavam medidas políticas urgentes para se evitar que os mendigos e delinquentes maculam-se os projetos modernizantes e a imagem das cidades, sobretudo, nos primórdios dos anos 1940. Jucá (2003, p.175) nos lembra que:

No início da década de 1940, havia uma verdadeira caça aos mendigos e delinquentes em Fortaleza. A iniciativa repressiva da Polícia fortalecia os defensores de uma luta permanente, estabelecendo como princípio básico à normalização da vida urbana o bom funcionamento do Asilo de Mendicância.

Ainda segundo Jucá (idem, p.176):

A pobreza sempre incomodava a paz urbana, pois se tratava de algo perigoso que deveria ser abordado com reservas, de modo semelhante aos temas que envolviam o sexo e faziam enrubescer os recatados e privilegiados da cidade.

O Estado Getulista imprimia características centralizadoras com poder autoritário. O sistema federativo que, na República Velha, havia garantido a autonomia dos estados, agora cedia espaço um novo modelo de governo. Getúlio cobrava medidas políticas que combatessem as velhas oligarquias locais dos estados e uma das primeiras determinações de Vargas foi a criação das interventorias. Simone de Souza *apud* Vieira (2002, p.169) sintetiza bem esse período:

As interventorias do período pós-30 iniciam um processo de centralização política, contrapondo-se ao sistema federativo que predominou na Primeira República. A Federação, atribuindo amplos poderes aos Estados, pela política dos governadores, era considerada o motivo da criação das oligarquias, com seus desmandos político-administrativos.

É nesse contexto, que o capitão Roberto Carneiro de Mendonça, segundo interventor do Ceará (1931-34), politicamente neutro e vindo de outro Estado, cria por meio do Decreto n. 1.163, de 11 de dezembro de 1933, o Instituto Carneiro de Mendonça, popularmente conhecida por Escola Santo Antônio do Buraco. A escola fora criada em meio aos efeitos da catastrófica seca de 1932, momento em que “milhares de pessoas morreram de fome, de sede e de doenças, tendo em vista à pouca assistência do governo” (SOUZA, 1989).

A Escola foi instalada na fazenda Santo Antônio do Pitaguary, de propriedade do Estado e se destinava a preservação e correção de menores de 8 a 18 anos de idade. A construção da escola foi feita com o auxílio de uma turma de sentenciados de bom comportamento. Para efeito de internação, consideravam-se abandonados e

delinquentes, os menores que estivessem enquadrados nas disposições do Decreto Federal n. 17.493 A, de 12 de outubro de 1927.

A escola, a priori, estava subordinada à Chefatura de Polícia, porém, o ensino primário de letras era organizado e fiscalizado pela Diretoria de Instrução Pública e o agrícola, orientado pela Diretoria de Agricultura e Indústria Animal. O diretor dessa escola, seguindo às normas da época, exerceria as funções em comissão e deveria ser agrônomo diplomado. Do lucro obtido anualmente pela escola, 30 % seria distribuído aos menores, proporcionalmente aos graus de classificação que obtiverem, no fim de cada período letivo.

Inicialmente, a escola fora construída para receber menores do sexo masculino. Objetivava-se ministrar gratuitamente educação física, moral e intelectual, além de proporcionar instrução técnica industrial e agrícola – pelos métodos e processo considerados modernos.

O Relatório do então Interventor (1931-1934), capitão Roberto Carneiro de Mendonça, revela um aspecto sobre o qual chama atenção. Por deliberação do governo federal (decreto nº 20.348, de 29 de agosto de 1931), desde então os municípios estariam obrigados a recolher aos cofres do Estado, 10% de sua renda para auxiliar o custeio das escolas de ensino primário, além disso, esse decreto determinava que todas as escolas municipais fossem transferidas para o Estado. Nessa perspectiva, em 1931, por lei o Estado passa a assumir os encargos referentes ao ensino primário, com a colaboração financeira dos Municípios (VIEIRA, 2002).

Paulatinamente, o Estado passa a se preocupar mais com a educação, de modo que a Constituição Estadual de 1935 em seu Art. 156 determinava que:

O Estado e o Município aplicarão 20% e 10%, no mínimo, da renda dos impostos, respectivamente, na manutenção e desenvolvimento do systema educativo que fôr organizado pelo Conselho de Educação (VIEIRA, idem, p.186).

As diretrizes educacionais voltam-se para um ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas, sendo o primeiro dever de o Estado fundar institutos de ensino profissional transmitindo as técnicas modernas com o intuito de recolher crianças de rua e levando para escolas de correção. Assim, os governos cearenses em meados dos anos 1930 e início da década de quarenta desenvolveram várias campanhas de recolhimento de mendigos e falsos mendigos.

Começou a recolher os pedintes no centro. As crianças, de até 12 anos e as de idade superior a essa faixa, deveriam ser recolhidas ao Instituto Carneiro de Mendonça, em Santo Antônio do Pitaguary, popularmente conhecido como Santo Antônio do Buraco (JUCÁ, 2003, p.176).

Desde esse período, a escola Santo Antônio do Buraco começa a fazer parte do imaginário popular cearense como sendo um lugar tenebroso onde se imaginava existir um grande buraco escuro no qual seriam jogadas as crianças que não tivessem um comportamento compatível com o que era exigido na época na perspectiva dos moldes “modernizantes”. No imaginário popular existia na escola um suposto buraco com terríveis insetos e animais que atacariam essas crianças que fossem internadas. Segundo o senhor José Airton Ferreira da Silva¹, conhecido popularmente como Sessenta²:

Todo menino tinha medo do buraco de Santo Antônio, as crianças na época ouviam histórias de que iam pra lá pra ficar enterrada no buraco, passar o dia inteiro enterrada num buraco [...] e ia ficar apanhando; as crianças tinha medo; no Santo Antônio do buraco os meninos se ajeitava ligeirinho. Quando a caminhoneta Madalena chegava na esquina, pronto, ela abria aquela sirene, corria o que era de menor, corria tudo.

¹ Aluno egresso da Escola Santo Antônio do Buraco.

² Os alunos ficaram lembrados pela numeração do uniforme. A calça era numerada, a blusa, o calção e a rede de dormir.

A Escola Santo Antônio do Buraco, como era mais conhecida, acabou sendo uma opção para muitas famílias que não sabiam como lidar com seus filhos que davam muito trabalho para se educar. Assim, algumas famílias mais abastadas entregavam seus filhos aos cuidados dessa escola, de modo que pudessem ser corrigidos e aprendessem alguma profissão como, por exemplo, carpintaria, alfaiataria, tecelagem e sapataria. O senhor Sessenta narrou que:

lá se aprendia a ser homem, recebia educação e ainda aprendia uma profissão. Nós fabricava as botinas da polícia, eram 400 toda semana. O Santo Antônio do Buraco foi um colégio que ficou na história como um exemplo excelente. Ele não era só aquele colégio que tirava das ruas crianças marginais, mas também aquelas que as mães não tinham condições de sustentá-los e educá-los. Não foi só um colégio do ensino fundamental, mas de ensino profissionalizante, quase todos os aluno da minha época foram recuperados e ressocializados a viver na sociedade.

Sessenta nos relatou só quem podia entrar na escola era menino de rua e que sua permanência na escola se deu somente depois de duas tentativas. Na primeira conseguiu fugir. Na segunda vez foi trazido pelo seu padrinho, o Inspetor José, numa caminhoneta fechada chamada Madalena, viatura da polícia. Segundo ele mesmo:

dava muito trabalho para sua mãe, com 6 ou 7 anos de idade já 'escruvitiava' toda Fortaleza, e sua mãe não aguentava mais. Sua mãe o levou pela primeira vez de trem para esse colégio, mas conseguiu fugir e pegou o trem de volta ao lado da mãe. Sua mãe teve que simular que ele havia lhe furtado para que assim o diretor da escola tivesse certeza que ele era perigoso e devia ficar detido e internado naquela instituição de ensino para menores 'trabalhosos', 'perigosos', exclusivamente para homens.

Contudo, segundo esse aluno egresso, a Escola acabou significando um pai e uma mãe, visto que sua mãe lhe abandonara e seu pai morrera quando ele tinha apenas quatro meses de vida.

O Colégio Santo Antônio do Buraco foi um colégio que ficou na história como um exemplo excelente. Ele não era só aquele colégio que tirava das ruas crianças marginais, mas também aquelas que as mães não tinham condições de sustenta-los e educa-los. Não foi só um colégio do ensino fundamental, mas de ensino profissionalizante, quase todos os alunos da minha época foram recuperados e ressocializados a viver na sociedade. (Senhor Sessenta).

A escola possuía, à época do senhor Sessenta, quase mil meninos,

o Instituto Carneiro de Mendonça³ tinha educação, era a melhor coisa do mundo, tinha gente aqui em Maracanaú que fazia questão de estudar lá, era, porque o ensino lá era pesado. [...] agora todo menino de rua que era pegado na rua e dava trabalho aos pais ira pra lá. Lá tinha filho de fazendeiro que ia pra, tinha menino até do Acre (Senhor Sessenta).

O Instituto Carneiro de Mendonça fazia parceria com as Forças Armadas e Polícia Militar e, anualmente, recrutava aproximadamente cem alunos para a marinha, cerca de oitenta alunos para o exército e cinquenta para a aeronáutica, assim como outros eram recrutados para a polícia militar. O senhor Sessenta nos informa que:

Nós estudava o programa que estava no programa da marinha, tinha lá no papel que eles mandava pra escola de menor, aí pronto, tão precisando de cem aluno, querendo que ele preparasse; aí pronto, aí preparava, ele passava três mês estudando lá dentro, os professores eram bom, os alunos fazia exame e passava, aquele que num passava voltava pra lá de novo, até esperar a idade maior. (sic)

O senhor Sessenta lembra com muita saudade de seus amigos do colégio que passaram na marinha e foram embora, como por exemplo, os amigos Jiló, Eliseu e João. Este último, que nem era me-

³ Instituto Carneiro de Mendonça era o nome oficial da escola.

nor do colégio, morava no bairro vizinho à escola, no Olho D'água, estudou o programa para a marinha na escola e passou para a marinha. Apesar de sentir orgulho de ter estudado no Instituto Carneiro de Mendonça, Sessenta lamenta não ter conseguido passar na prova para as forças armadas e explica por que ficou na escola por tanto tempo.

[...] você sabe que quando a gente é pobre, filho de gente pobre, pra pode chegar aonde quer chegar é meio difícil, e lá foi essa escola que adiantava a gente, preparava, preparava, se você quer saí, quero, você num vai se tornar um marginal não? Não. Você tem emprego certo? Não, vou arranjar, aí ia batalhar por esse emprego. Se não arranjasse, pois, então, fique aqui. [...] Aí foi o seguinte, eu tentei entrar na marinha, num passei, fui pra polícia, e num passei na polícia, aí fiquei como agregado, a minha turma passou tudim, só ficou eu fora porque levei pau na psicoteca, porque o exame da marinha é duro, o caba pra passar. Lá preparava, só num preparava pra psicoteca. E quem levou pau fui eu. (sic)

Não obstante a isso, o senhor Sessenta se considera um homem de sorte porque, segundo ele, muitos dos colegas dele que foram embora morreram. “[...] eu perguntava, cadê aquele rapaz? Morreu. O outro casou, a mulher matou, o fulano foi tomar um banho no Rio Tietê, desceu de água abaixo”.

Seguindo uma prática pedagógica correccional, a escola não dava muitas oportunidades para os alunos fujões que eram corrigidos violentamente.

[...] se você fugia, você levava uma pisa, levava doze bolo, levava umas doze correada boa; se errasse apanhava, por exemplo, se desse um murro num menor, se fosse visto, o inspetor colocava o seu nome num papelzinho, pronto, deu um murro na cara do menino, aí ia pro castigo, o castigo era bolo, palmatória, viu? A primeira vez que errasse era quatro bolo, a segunda vez era seis, e preso se fosse uma coisa muito grave, aí ia pro xadrez, por exemplo, o caboclo quei-

masse uma rede, o caboclo passava trinta dia num xadrez.
(Sessenta)

A escola estava organizada para a correção e formação profissional, visto que a escola precisava gerar receitas para complementar as verbas do governo federal.

[...] rapaz, nós vendia rede, o diretor pegava 500 redes. A escola precisava de dinheiro; o Estado pagava aquela quantidade, mas atrasava, o dinheiro era pouco, então, nós tinha que trabalhar, trocava as coisas, por exemplo, quando faltava o feijão, a gente trocava a rapadura pelo feijão pra nós, aí agente armazenava nuns armazém. Vinha aquela verba e o dinheiro que sobrava o padre pagava a gente com o que sobrava, quando eu já era agregado.

Sessenta, com a maioria, ficou na escola como agregado, a convite do Diretor da escola, Padre Geovani, passando a trabalhar como chefe da rouparia da escola. Muitos funcionários da escola eram ex-alunos. Alguns tornaram-se inspetores de turma como os já falecidos alunos, o 5 (cinco) e o 47 (quarenta e sete).

Para ser agregado era preciso ter comportamento, ser trabalhador, aí o diretor perguntava: na sua família, aí se você fosse de uma família pobre, não tinha nada, ele fazia questão de ficar com você lá. Muitos não ficaram em Maracanaú, aqueles que tinham condições foram embora. Eu fiquei em Maracanaú o Diretor quis que eu ficasse. O diretor disse assim: você vai ficar aqui, daqui você não sai. Eu saio e você fica (Sessenta).

Considerações Finais

Como analisamos, o Instituto Carneiro de Mendonça estava organizado para a correção e formação profissional, visto que a escola precisava gerar receitas para complementar as verbas do governo federal que eram escassas. Assim, muitos alunos tornaram-

-se agregados para compor o quadro de funcionários da escola que era insuficiente para atender a demanda de alunos considerados perigoso, subversivos e delinquentes.

O Instituto Carneiro de Mendonça ainda hoje faz parte do imaginário popular como o lugar do medo e da repressão de menores considerados perigosos para a sociedade da época.

Referências Bibliográficas

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza, 1945-1960*. São Paulo: Annablume, 2003.

ROMANELLI, O. de O. *História da Educação no Brasil (1930 / 1973)*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1985.

SAVIANI, Dermeval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOUZA, S. de. (Org.) *História do Ceará*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. Fundamentação Demócrito Rocha, 1989.

VIEIRA, S. L. *História da educação no Ceará sobre promessas, fatos e feitos*. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2002.